

# A leitura da Bíblia no pentecostalismo a partir da Estética da Recepção<sup>1</sup>

*Reading the Bible in Pentecostalism from  
the Aesthetics of Reception*

*David Mesquiati de Oliveira<sup>2</sup>*

*José Mário Gonçalves<sup>3</sup>*

*Adonai de Moura Mendes<sup>4</sup>*

*Aroldo Mira Pereira<sup>5</sup>*

*José Lidites da Silva Gamito<sup>6</sup>*

*Leonardo Henrique dos Santos<sup>7</sup>*

*Ludson Gonçalves de Jesus<sup>8</sup>*

*Marcus Vinicius Leão Azevedo de Sena<sup>9</sup>*

**Resumo:** O presente artigo aborda as características e a forma de leitura bíblica dos pentecostais em comparação com o movimento católico da Renovação Carismática no Brasil, da origem histórica do movimento pentecostal moderno e nos aspectos das Teorias da Recepção. Tem como metodologia a pesquisa bibliográfica. A conclusão aponta que a recepção da Bíblia no pentecostalismo se dá em múltiplas formas, mas mantém uma

---

Artigo recebido em: 04 out. 2017

Aprovado em: 16 out. 2017

<sup>1</sup> Este texto é fruto de trabalho em conjunto a partir da disciplina Estudos de Recepção ministrada pelos professores do PPGCR-UNIDA, Dr. David Mesquiati de Oliveira e Dr. José Mário Gonçalves, no Mestrado Profissional da Faculdade Unida de Vitória no ano de 2017.

<sup>2</sup> Dr. em Teologia e docente do PPGCR da Faculdade Unida de Vitória.

<sup>3</sup> Dr. em História e docente do PPGCR da Faculdade Unida de Vitória.

<sup>4</sup> Mestrando em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.

<sup>5</sup> Mestrando em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.

<sup>6</sup> Mestrando em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.

<sup>7</sup> Mestrando em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.

<sup>8</sup> Mestrando em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.

<sup>9</sup> Mestrando em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.

característica central que é o lugar de leitura, reconhecendo o papel do leitor na apreciação do texto.

**Palavras-Chaves:** Estética da Recepção. Pentecostalismo. Bíblia.

**Abstract:** The present article deals with the characteristics and form of biblical reading of Pentecostals in comparison with the Catholic movement of the Charismatic Renewal in Brazil, the historical origin of the modern Pentecostal movement and the aspects of Reception Theories. It has as methodology the bibliographic research. The conclusion points out that the reception of the Bible in Pentecostalism takes place in multiple forms, but maintains a central characteristic that is the place of reading, recognizing the role of the reader in the appreciation of the text.

**Keywords:** Reception Aesthetics. Pentecostalism. Bible.

## Introdução

O artigo destaca o modo de leitura bíblica do pentecostalismo para analisar como se dá recepção da Bíblia entre este expressivo grupo dentro do cristianismo brasileiro. O texto está dividido em três partes: na primeira apresenta um breve histórico dos principais ramos pentecostais e explicita quais suas características com a leitura bíblica, concentrando-se no pentecostalismo clássico da igreja Assembleia de Deus e na Renovação Carismática Católica. Na segunda parte destaca as principais linhas da estética da recepção a partir de Jauss e Iser, aplicando estes conceitos à leitura bíblica pentecostal. Na última parte apresenta uma análise de como a Bíblia é recebida no meio pentecostal.

### 1. A Leitura Pentecostal da Bíblia

O pentecostalismo enquanto fenômeno religioso caracteriza-se pela ênfase na glossolalia, no ascetismo, busca da santidade (herança metodista), abordagem milenarista e lideranças carismáticas.<sup>10</sup> Freston propõe uma classificação estratificada do pentecostalismo: primeira onda (1910 a 1950), a segunda (1950 a 1960), e terceira onda denominada de neopentecostalismo (a partir da década de 1970).<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup>ALENCAR, Gedeon Freire. Pentecostalismo. In: FILHO, Fernando Bortolletto (Ed.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008, p. 774.

<sup>11</sup>ALENCAR, 2008, p. 775.

O pentecostalismo moderno surgiu nos Estados Unidos da América no final do século XIX e início do XX, como um movimento de avivamento e renovação espiritual do cristianismo, evidenciando as experiências estáticas e pessoais do ser humano com a divindade. Nas suas origens, este movimento teve forte relação com o movimento metodista de santidade (*holiness*) norte-americano e nos *revivals* europeus.

A expressão “pentecostal” deriva do termo grego *pentecostes* que para o judaísmo significa uma festa religiosa ligada à colheita (agricultura) e que para os cristãos o termo é usado para lembrar o acontecimento da descida do Espírito Santo.

No Brasil o movimento pentecostal chegou em 1910, através do imigrante italiano Louis Francescon que fundou em São Paulo a Congregação Cristão do Brasil (CCB). No final deste ano, os suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, chegam em Belém no estado do Pará e fundaram a denominação pentecostal Missão de Fé Apostólica no ano seguinte, sendo que sete anos mais tarde se tornaria Assembleia de Deus (AD).

Na esteira da Reforma Protestante, com ênfase na leitura direta do texto bíblico, na fé e na graça como único caminho da salvação humana, a Assembleia de Deus, ou melhor, as *Assembleias de Deus*, pois são variadas e descentralizadas, cresceu e alcançou todos os estados brasileiros em poucos anos.

Os leitores pentecostais são vistos como aqueles que fazem uma leitura literal da Bíblia. Esta visão foi sustentada pelas igrejas históricas e também pelo mundo acadêmico. Desconsideravam a variação e a complexidade da recepção dos textos bíblicos nestas comunidades leitoras. Este tipo de leitura foi associado a um pensamento mágico e supersticioso e totalmente estranho às aspirações acadêmicas da modernidade.<sup>12</sup>

O histórico de leitura da Bíblia no pentecostalismo teve seu início em comunidades com baixa escolaridade, nas quais se valorizava mais a linguagem oral e gestual e exaltavam-se a experiência e a sabedoria espiritual em detrimento de uma formação acadêmica.<sup>13</sup> O pentecostalismo se consolidou como uma religião com ênfase na leitura popular da Bíblia e sem recurso à academia.<sup>14</sup> Ainda segundo Benatte a cultura do pentecostalismo é uma cultura

---

<sup>12</sup> BENATTE, 2009, p. 10-11.

<sup>13</sup> HOCKEN, Peter. Pentecostais. In: LOSSKY, Nicholas (Ed.). *Dicionário do Movimento Ecumênico*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 898.

<sup>14</sup> BENATTE, Antonio Paulo. Os Pentecostais e a Bíblia no Brasil: Aproximações Mediante a Estética da Recepção. *Rever*, a. 12, n. 01, jan/jun, 2012, p. 9.

essencialmente textualizada, pois a leitura dos textos em contextos comunitários, contribuem para o ambiente sacral<sup>15</sup>.

Por meio do fervor religioso, abria-se espaço para posturas restauracionistas da igreja do começo, chamada preferencialmente pelos evangélicos de “Igreja Primitiva”, numa clara referência ao início do cristianismo no século I da era cristã, por meio de narrativas do Novo Testamento. Assim, alguns grupos começam a ler a Bíblia querendo reviver as experiências bíblicas históricas na contemporaneidade, tornando àquelas experiências um tipo de padrão para o hoje.

Já a Renovação Carismática Católica (RCC) no Brasil teve origem em São Paulo na cidade de Campinas, através dos padres Haroldo Joseph Rahm e Eduardo Dougherty na década de 1970, tendo sua abertura pôs-concílio Vaticano II. Esse movimento católico de renovação consiste num ramo da Igreja Católica que teria sofrido influência do pentecostalismo, gerando um processo de pentecostalização e que vem crescendo consideravelmente a partir dos anos 90.<sup>16</sup> A RCC compartilha princípios do pentecostalismo como a centralidade da Bíblia e a manifestação dos carismas e a ênfase no Espírito Santo.<sup>17</sup> Em perspectiva mundial, este movimento teria surgido em um retiro de oração de acadêmicos na Universidade de Duquesne, Pensylvania, nos Estados Unidos, em 1967, se espalhando para todo mundo.

A base da RCC são os grupos de oração que partilham estudo bíblico, louvores e e pregações, acontecendo nas comunidades, que são, geralmente, organizados nas paróquias e liderados por leigos. São formados por um número variado de pessoas, em reuniões que acontecem semanalmente. Os grupos de oração deram origem às comunidades carismáticas, onde os laços de vida entre seus integrantes são mais estreitos.

Diferentemente do catolicismo tradicional, que enfatiza uma autoridade intérprete da Bíblia (o Magistério), a leitura bíblica na RCC se abre para a subjetividade do leitor. A valorização da experiência individual e da alegada assistência do Espírito Santo contribui para uma opção de leitura literal ou imediata da Bíblia. A

---

<sup>15</sup> BENATTE, Antonio Paulo. A formação de leitores da bíblica no pentecostalismo assembleiano brasileiro. In: OLIVEIRA, David Mesquiati (Org.). *Pentecostalismos e Transformação Social*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p. 91.

<sup>16</sup> ORO, Ari Pedro; ALVES, Daniel. Renovação Carismática Católica: Movimento de Superação da Oposição entre Catolicismo e Pentecostalismo. *Revista e Sociedade*, v. 33, n. 1, 2013, Rio de Janeiro, p. 123-125.

<sup>17</sup> VALLE, Edênio. A Renovação Carismática Católica: Algumas Observações. *Estudos Avançados*, a. 18, n. 52, 2004, p. 100.

descentralização das instâncias decisivas contribui para uma recepção diferenciada do texto bíblico. O movimento opta pelo conhecimento místico em oposição à racionalidade proposta pelo Magistério da Igreja.<sup>18</sup>

## 2. A teoria da Recepção

Os estudos sobre a teoria da Recepção, que examina o papel do leitor na literatura, é um assunto sobremodo recente. Ainda que essa relação de leitura e literatura seja extremamente evidente, esse campo de estudos literários só passou a ser pensado sistematicamente a partir das primeiras décadas do séc. XX. Vale salientar que esses estudos tiveram grande impulso a partir das considerações feitas por Hans Robert Jaus, conforme afirma Márcia Hávila

A estética da recepção surge a partir das considerações teóricas realizadas por Hans Robert Jaus (1921-1997) em aula inaugural, em 1967, na Universidade de Constança. Na palestra, com o título de O que é e com que fim se estuda a história da literatura? Jaus faz uma crítica à maneira pela qual a teoria literária vem abordando a histórica da literatura, considerando os métodos de ensino, até então, tradicionais e propondo reflexões acerca dos mesmos.<sup>19</sup>

Apesar de Jaus ser aquele que abre as portas para o surgimento e desenvolvimento da teoria, entretanto, podemos dividir a história dessa nova teoria literária em praticamente três linhas de abordagens consideradas principais, são elas: de Jaus, de Iser e a sociológica. Veremos mais sobre elas adiante.

A linha de Jaus<sup>20</sup> (1978-1994), este é considerado um dos autores mais expoentes e significativo entre os que colocam o leitor e

---

<sup>18</sup> PEREIRA, Edilson. O Espírito da Oração ou Como os Carismáticos Entram em Contato com Deus. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, a. 29, n. 2, p. 58-81, 2009, p. 61-62.

<sup>19</sup> COSTA, Márcia Hávila Mocchi da. *Estética da recepção e teoria do efeito*. Disponível em: [https://abiliopacheco.files.wordpress.com/2011/11/est\\_recep\\_theoria\\_efeito\\_o.pdf](https://abiliopacheco.files.wordpress.com/2011/11/est_recep_theoria_efeito_o.pdf). Acesso em: 13 jul. 2017.

<sup>20</sup> As teses de Jaus se tornaram verdadeiras provocações à teoria literária - sua palestra será publicada com o título de "Literaturgeschichte als Provokation der Literaturwissenschaft" (Konstanz, 1967). Iniciou-se, então, o movimento de reflexão acadêmica cuja sistematização será conhecida como estética da recepção. CANTARELA, Geraldo Antonio. Questões de

a leitura como elementos privilegiados nos estudos literários. Além de pensar no texto como um objeto artístico ele propõe uma nova abordagem da história literária pautada também no aspecto de recepção. Ele também propõe que a história literária alterca tanto a recepção atual de um texto - seu aspecto sincrônico - quanto sua forma de recepção ao longo da história - aspecto diacrônico - e ainda a relação da literatura com o processo de construção da experiência de vida do leitor. Ele reivindica que se tome como princípio historiográfico da literatura o modo como às obras foram lidas e avaliadas por seus diferentes públicos na história. Nesse sentido, Jauss critica tanto o marxismo quanto o formalismo por suas abordagens literárias desconsiderarem o papel essencial do leitor como parte integrante da obra. Sua proposta de experiência estética se dá pela fruição de três planos distintos, elaborados a partir da retórica clássica aristotélica: consciência como atitude produtora - *poiesis*; consciência como atividade receptora - *aisthesis*; e a reflexão identificada com a ação - *katharsis*.

Outro nome também importante, naquilo que chamamos de periodização da teoria recepcional é Wolfgang Iser (1926-2007). Ele está vinculado com o Reader - Response-Criticism, que se desenvolveu mais entre os nortes americanos. Além dele, outros nomes aparecem com esta mesma linha de raciocínio, como Fish e Culler. Essa fase pensa mais nos efeitos que os textos provocam em seus leitores. Eles consideram que o texto só ganha existência no momento da leitura e tanto os resultados quanto os seus efeitos, afirmando que essas leituras são fundamentais para que se pensar em seu sentido. A teoria proposta por Iser (1996) abarca algumas concepções dos formalistas, no que diz respeito à valorização do texto enquanto estrutura textual e à noção de “*desfamiliarização*” ou “*estranhamento*”. Outro conceito importante na estética da recepção de Iser é o de *leitor implícito*, que permite compreender o leitor tanto como uma estrutura textual, que dá sentidos outros ao texto, quanto como ato estruturado, entendido como o próprio ato mesmo da leitura real.

A outra linha seria a sociológica<sup>21</sup> que é caracterizada como uma teoria recepcional. Os seus principais representantes Escarpit,

---

hermenêutica bíblica à luz da estética da recepção. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 45, n. 127, 2013, p. 422.

<sup>21</sup> A Crítica de Jauss procura mostrar que a qualidade ou o valor de uma literária não podem ser medidos ou apreciados nem a partir das condições históricas ou biográficas de sua origem nem do lugar que ela ocupa no desenvolvimento de um gênero. Para ele, a qualidade e a categoria estética de um texto vem “dos critérios de recepção, do efeito produzido e de sua fama

Chartier e Bourdieu, que entendem que o estudo da literatura é feito pelo viés dos elementos que dão base e sustentação para que ela exista, o público (leitores), o próprio livro, e a leitura. Interessa-se também por todos os circuitos que envolvem o livro (sua produção na esfera do autor, do editor, sua distribuição e circulação). Como estética da recepção, a sociologia firma seu foco de atenção no leitor, entretanto, não se propõe investigar as relações entre leitor e texto buscando um alinhamento horizontal de expectativas, pois o que interessa são as questões extrínsecas da leitura, isto é, a abordagem está centrada na relação entre o livro e os seus mediadores sociais.

Robert Escarpit situa o estudo da formação do público leitor no âmbito da sociologia da literatura, o que significa buscar compreender o fato literário associado ao contexto social em que está inserido e com o qual estabelece um diálogo. Não é propósito desse teórico realizar um trabalho de análise estética, pois o critério utilizado para definir literatura não é qualitativo e sim denominado por ele de “atitude ao gratuito”, que resulta numa definição de literatura como todo texto que não possui uma finalidade pragmática, cujo efeito provoca uma espécie de catarse do ponto de vista cultural<sup>22</sup>.

Essas linhas nos dão o panorama sobre a importância de entender a forma de como a literatura é lida e interpretada. Olhando através desses óculos, conseguimos ver o outro lado da moeda e sabermos que o mesmo texto pode ser interpretado de diversas formas dependendo do público que o recebe.

A estética da recepção é um esforço interpretativo sobre a leitura e as relações estabelecidas entre texto, autor e leitor. As materialidades significativas são entendidas como um complexo que tem sentido a partir da relação dialética instaurada entre o autor, a obra e seus possíveis leitores. Toda atividade interpretativa se constitui mediante o

---

junto à posteridade”. JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994, p. 7.

<sup>22</sup> Estética da Recepção: *A literatura na perspectiva do leitor*. Disponível em:

<http://ptmiriamfajardo.pbworks.com/w/page/19749775/Est%C3%A9tica%20da%20Recep%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 13 jul. 2017.

processo de interação entre a subjetividade do leitor e as condições sócio-históricas na qual determinado signo se originou.<sup>23</sup>

Pela estética da recepção, não se trata apenas de conceber formar distintas de interpretação de um texto, mas também, e especialmente, se concebe novas realidades a cada novo leitor em novas experiências literárias. E isso se dá pelo caráter social da literatura. O leitor não apenas recebe e armazena conteúdos culturais anacrônicos ao se debruçar sobre uma obra literária, mas atua sobre ela ressignificando, atualizando e, especialmente, produzindo novos sentidos e percepções de sua própria realidade. Para José Adriano Filho, “há uma unidade essencial entre a expressão da realidade do texto e a realidade que ele forma”<sup>24</sup>.

Contudo, na estética da recepção, esse leitor, agora compreendido como aspecto importante na interpretação da obra literária, precisa se familiarizar com as normas de produção da obra: gênero, formas e temas de obras anteriores e a oposição entre uso poético ou prático da linguagem. Quanto maior for seu lastro literário comparativo, maior será sua capacidade de modificar seus horizontes interpretativos, tanto de texto quanto de realidade. Essa função emancipadora da literatura também é percebida da dinâmica relação entre os textos bíblicos, seus leitores e as aberturas ou fechamentos de horizonte que dela surgem.

### **3. Leitura bíblica entre os pentecostais e Estética da Recepção**

Na contemporaneidade, o pentecostalismo é mais receptivo e abundante de linguagem não-verbal.<sup>25</sup> A existência de uma corporeidade, atrelada aos fatores performáticos da sonoridade e visuais, permite ao fiel, dentro do momento celebrativo, uma maior integração social de grupo, já que no âmbito oracional o pentecostal advém de uma tendência contemplativa com referência narcisista, onde a interiorização é estimulada em vários momentos dentro do

---

<sup>23</sup> ADRIANO FILHO, José. Estética da recepção e hermenêutica bíblica. NOGUEIRA, Paulo A. S. (Org.). *Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, ANPTECRE, 2012, p. 165-190, p. 176.

<sup>24</sup> ADRIANO FILHO, 2012, p. 187.

<sup>25</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: Uma Interpretação Sócio-Religiosa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985, p. 200.

“Grupo de Oração”, o que podemos considerar como um “horizonte de expectativas”.<sup>26</sup>

Dentro desse aspecto, é o que cita também Rolim quando diz que: “abundante e geralmente de caráter popular, os cânticos imprimem nos cultos pentecostais um ambiente gestor de participação”<sup>27</sup>. Tal recepção, auxiliada pelos conceitos de Jauss, que também é inspirada pela hermenêutica<sup>28</sup>, permite compreender a diversidade de formas interpretativas dos chamados carismas: há quem expressa tal recepção pela corporeidade, outros através da dança, dinâmica, e também pelas emoções, pela “fala em línguas” e assim por diante.

Ainda nessa fase de experiência religiosa, compreendem as três categorias aristotélicas: *poiesis*, *aisthesis* e *karthasis*. Podemos então, diferenciar o culto tradicional do pentecostal, onde o fiel é menos participativo e dependente do emissor. Essa diferença de recepção contribui para a forma como esse ser reconhece e expressa a Bíblia, ou por que não dizer a interpretação dela a partir do prisma do emissor.

Os pentecostais têm uma postura em relação à Bíblia como sendo a Palavra de Deus, portanto a leitura que os mesmos fazem do Livro Sagrado aparece muito perpassada por uma hermenêutica literalista, em que o contexto no qual a Bíblia foi escrita não é muito levado em consideração. Para os pentecostais a experiência é muito valorizada e isso reflete em seu modo de lidar com a leitura da Bíblia, a qual apesar de ser uma leitura literalista, aparece muito circunscrita aos condicionamentos culturais e vivenciais do fiel. Há ainda a questão da contemporaneidade dos dons do Espírito Santo bem como a crença na atuação do Espírito Santo como fonte iluminadora no entendimento das Escrituras, isso aponta para a questão de que o próprio texto bíblico não é algo hermético, mas uma fonte de múltiplas possibilidades de significações.

Nem sempre o pentecostal se dá conta de que a leitura que faz da Bíblia é uma leitura condicionada cultural e ideologicamente, mas esse é um fato que se reflete nas múltiplas interpretações presentes nas mais variadas vertentes pentecostais, ou seja, na prática percebe-se que o texto da Bíblia é lido por múltiplos vieses interpretativos. Nesse sentido, no processo de leitura da Bíblia o leitor pentecostal não figura como elemento passivo, o qual tão somente recebe o texto, mas o mesmo ao ler o texto confere ao mesmo, novos significados. Segundo Bennatte:

---

<sup>26</sup> CANTARELA, 2013, p. 425.

<sup>27</sup> ROLIM, 1985, p. 194.

<sup>28</sup> CANTARELA, 2013, p. 422.

A estética da recepção desloca, assim, a historicidade dos modos de produção do texto para os modos de sua recepção, não para invalidar o primeiro enfoque, mas para complementá-lo, fazendo, assim, da literatura e da história da literatura, uma imagem mais complexa. Não se trata, portanto, de uma primazia hermenêutica da recepção sobre a produção, mas do reconhecimento de que produtores, receptores e diversos mediadores são partes ativas na produção e significação dos textos.<sup>29</sup>

Entre os pentecostais há uma valorização da leitura da Bíblia e isso tem sido construído socialmente nas comunidades a partir do momento da própria conversão dos fiéis, tornando-se em hábitos consolidados.

### **Considerações finais**

Neste artigo procurou-se discutir como a Bíblia é recebida no pentecostalismo e quais são as principais características da leitura bíblica pentecostal. À luz dos estudos de recepção de Jauss e da escola de estética da recepção, ficou claro o papel do leitor que participa ativamente na construção do sentido do texto, e o reinterpreta mediante a própria experiência religiosa, contribuindo para os demais envolvidos no processo de leitura bíblica pentecostal.

Consideramos que a crescente presença do pentecostalismo no país e sua particular forma de recepção da Bíblia contribuem para o amadurecimento da pluralidade na região, levando em consideração que as diferentes formas de recepção de um texto podem torná-lo ainda mais significativo e resinificado.

Percebemos também, que tais análises sofrem modificações mediante as constantes mudanças sociais que emergem uma significância dentro e fora do grupo religioso, podemos chamar assim de “glocalidade” pentecostal, em uma dualidade entre sagrado e sagrado e profano. Desta forma o grupo recebe influência interna e externa e cada recepção dependerá desses processos sociais.

---

<sup>29</sup> BENATTE, 2012, p. 9.

## Referências

- ADRIANO FILHO, José. Estética da recepção e hermenêutica bíblica. NOGUEIRA, Paulo A. S. (Org.). *Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, ANPTECRE, 2012, p. 165-190.
- ALENCAR, Gedeon Freire. Pentecostalismo. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando. *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.
- BENATTI, Antonio Paulo. A formação de leitores da bíblica no pentecostalismo assembleiano brasileiro. In: OLIVEIRA, David Mesquiati (Org.). *Pentecostalismos e Transformação Social*. Fonte Editorial, São Paulo, 2013.
- BENATTI, Antonio Paulo. Os Pentecostais e a Bíblia no Brasil: Aproximações Mediante a Estética da Recepção. *Rever*, a. 12, n. 01, jan/jun, 2012.
- CANTARELA, Geraldo Antonio. *Questões de hermenêutica bíblica à luz da estética da recepção*. In: perspectiva Teológica. Belo Horizonte, v.45, n. 127: 2013. p. 422.
- COSTA, Márcia Hávila Mocci da. *Estética da recepção e teoria do efeito*.  
[https://abiliopacheco.files.wordpress.com/2011/11/est\\_recep\\_teoria\\_efeito.pdf](https://abiliopacheco.files.wordpress.com/2011/11/est_recep_teoria_efeito.pdf). Acessado no dia 13 de Julho de 2017.
- Estética da Recepção: A literatura na perspectiva do leitor. Disponível em  
<http://ptmiriamfajardo.pbworks.com/w/page/19749775/Est%C3%A9tica%20da%20Recep%C3%A7%C3%A3o>. Acessado no dia 13 de Julho de 2017.
- HOCKEN, Peter. Pentecostais. In: LOSSKY, Nicholas (Ed.). *Dicionário do Movimento Ecumênico*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- ORO, Ari Pedro; ALVES, Daniel. Renovação Carismática Católica: Movimento de Superação da Oposição entre Catolicismo e

Pentecostalismo. *Revista e Sociedade*, v. 33, n. 1, 2013, Rio de Janeiro.

PEREIRA, Edilson. O Espírito da Oração ou Como os Carismáticos Entram em Contato com Deus. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, a. 29, n. 2, p. 58-81, 2009.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

VALLE, Edênio. A Renovação Carismática Católica: Algumas Observações. *Estudos Avançados*, a. 18, n. 52, 2004.